

## A Nossa Gente (189) – Carlos Tomé

# “Se fiz algo de jeito enquanto jornalista devo ao tempo em que estive Diário dos Açores”

Conhecido pelo trabalho que fez enquanto jornalista e assessor de imprensa, Carlos Tomé já publicou três livros e o quarto, de nome “O Bracinho”, chega ao público ainda este mês. Numa entrevista interessante, o jornalista revelou-nos que foi e é contra a junção da televisão e rádio açorianas e recordou os tempos em que era delegado sindical nos Açores do Sindicato dos Jornalistas. Pai de duas filhas e com dois netos, o jornalista afirma ter tido uma infância feliz, vivida no Cemitério de São Joaquim, e cometido algumas loucuras na vida. Venha conhecê-las!

### Que data marca o início da sua vida e como viveu a sua mocidade?

O meu DNA é complicado, é uma data de nascimento antiga, 26 de Outubro de 1951, ainda do século passado! Nasci na Primeira Rua de Santa Clara, mas passei lá muito pouco tempo, porque os meus pais mudaram de casa com alguma frequência. Depois fui para a Rua de Santa Catarina, para a Rua Coronel Miranda e finalmente para a Rua de São Joaquim, no cemitério de São Joaquim. O meu pai foi fiel do cemitério de São Joaquim e costumava dizer que foi uma espécie de gerente de um hotel em que nunca nenhum hóspede apresentou a mínima reclamação. Foi portanto lá que vivi toda a minha infância e só saí para casar. Morei ali 19 anos, dentro do cemitério.

Foi uma infância muito feliz, porque eu era o mais velho de seis irmãos e aquilo era uma alegria lá em casa. O meu pai era funcionário público, a nossa família não vivia economicamente desafogada, mas posso dizer que era uma casa de gente feliz. Brincávamos na rua com muitos amigos, o que hoje já não acontece. Lá muito de vez em quando é que passava um carro, de maneira que podíamos brincar à bola; íamos também para a Mata da Castanheira fazer as nossas aventuras, pelo que considero que tive uma infância feliz e sem problemas de maior.

### Como foi ter como vizinhos os falecidos?

Não era nada de extraordinário! Eu, os meus irmãos e os nossos amigos brincávamos à noite dentro do cemitério e até pregávamos partidas a quem por lá passava, imitando vozes cavernosas. Aquilo era como uma extensão da Castanheira e de outros locais onde brincávamos. Fosse de dia ou de noite, íamos para lá brincar.

Aquele é um lugar de respeito, o que nós nem sempre tínhamos enquanto rapazes, mas nunca fizemos nenhuma tropelia. Era apenas um local encarado como outro qualquer, apesar de termos lá os nossos próprios mortos, como a minha bisavó e os meus avós.

Na altura o cemitério era diferente; já foi arrescentado depois de termos saído de lá.

### Os seus pais emigraram, mas não foi com eles.

Os meus pais foram, de facto, para os Estados Unidos da América, mas fiquei eu e outros dois irmãos. Os mais velhos, que já eram casados, ficaram, e os mais novos foram com os meus pais. Foi uma decisão da qual os meus pais acabaram por se arrepender. A minha mãe, principalmente, tinha o sonho americano, mas acabou por perceber que nesse sonho de vez em quando vinha um pesadelo. Posso dizer que se terá arrependido da decisão de dividir a família, que não foi muito boa. Passamo-nos a ver apenas quando calhava, até porque não havia a facilidade de transportes



Carlos Tomé admite que sempre teve interesse e jeito para a escrita

de hoje.

### Que rumo tomaram os estudos na sua vida e como se dá a entrada na profissão de jornalista?

Eu não tenho licenciatura, não consegui tê-la por uma razão perfeitamente entendível. O meu pai era um funcionário público, com seis filhos, e vivíamos com os apertos próprios dessa situação. Por isso, mal concluí o secundário, que foi feito na Escola Comercial e Industrial de Ponta Delgada, fui logo trabalhar para ajudar. Era assim, só quem tinha algum desafogo económico é que podia mandar os filhos estudar para fora. Eu não tive essa possibilidade.

Comecei a trabalhar muito cedo no Diário dos Açores. Tinha a queda para a escrita e foi por isso mesmo que enveredei pelo jornalismo.

Estava no último ano da escola comercial e o director chamou-me, porque tinha uma proposta para mim; queria que eu frequentasse um curso de jornalismo em Lisboa, em regime de internato e durante um mês e pouco. Eu aceitei, até porque tinha sido o meu professor de Português a dar a indicação, talvez por já ter ganho uns prémios em jogos florais.

### Como decorreu então este curso?

O curso foi dado em Lisboa, no Liceu D. Inês de Castro. Erámos cerca de 60, de todas as partes do país incluindo das ex-colónias. Durante o dia tínhamos aulas teóricas sobre a área ou então íamos fazer visitas de estudo a jornais. Fomos ao Diário de Notícias ver como se fazia o jornal e assistimos à impressão do jornal que era algo impressionante. Todo o edifício tremia quando a rotativa começava a trabalhar. A tiragem era de cento e tal mil exemplares, o que não se compara com os dias de hoje.

O curso foi dado por jornalistas que tinham muita qualidade, nomes sonantes da altura. O meu pai era amigo do Dr. Carlos Carreiro, do Diário dos Açores, e contou-lhe um dia que eu estava em Lisboa a fazer esse curso de jornalismo, o que ele achou interessante. Por isso, pediram-me que escrevesse um texto sobre o curso e, se eles gostassem, publicavam. O meu pai mandou-me um telegrama, eu escrevi um texto às pressas, mandei e o Diário dos Açores publicou. Pediram então que, no regresso, fosse falar com eles. Claro que fui. E saí de lá com um emprego. Resumindo, voltei de Lisboa nos finais de Setembro e a 1 de Outubro de 1969 estava a trabalhar no Diário dos Açores, onde fiquei oito anos. Foi

uma experiência verdadeiramente interessante e enriquecedora, porque se fiz alguma coisa de jeito enquanto jornalista a este tempo no Diário dos Açores o devo. Não tenho dúvidas disso!

### É depois destes oito anos que vai para a RTP.

Sim, com o aparecimento da RTP eles convidaram-me para ir para lá colaborar durante um mês, gostaram e propuseram-me a passagem para os quadros. Aceitei logo, porque a televisão, na altura, pagava muito melhor que o Diário dos Açores. Gostei muito do trabalho na imprensa, mas o apelo da televisão era diferente, quer pela novidade, quer pela retribuição. Estive 31 anos na RTP.

### Qual é a maior diferença que encontra entre o jornalismo de quando começou e no de hoje em dia?

Numa palavra: qualidade! Eu lamento dizer isso, porque toda a vida fui jornalista, mas a qualidade do jornalismo que se faz hoje em dia é muito má! Há, claro, uma miríade de explicações para este fenómeno, que tem que ver com a concorrência, com a pressa de informar e com uma certa impreparação. Por estranho que possa parecer, o jornalismo daquela altura era um jornalismo de tarimba, éramos todos tarimbados, íamos aprendendo no local e na execução diária do nosso trabalho. Agora que toda a gente vem das universidades, falta qualquer coisa! Eu não sei a que atribuir verdadeiramente a causa desta perda de qualidade no jornalismo que hoje em dia se faz, mas ela existe.

### E a ida a Angola como aconteceu?

Angola foi uma experiência que me marcou muito, mas posso dizer que não sofri de stress pós-traumático. No entanto, foi uma experiência que não gostaria de repetir de maneira alguma.

Estive lá 22 meses. Eu era alferes e comandante de um grupo de combate. A certa altura o comandante da companhia veio embora sete meses mais cedo do que seria de esperar e eu fiquei a comandar a companhia, só porque era o alferes mais antigo. Claro que não tinha o curso de comandante de companhia. Operacionalmente, não tinha problemas, mas em termos administrativos havia uma série de procedimentos que eu não conhecia; valeram-me os sargentos que me ajudaram.

### Quando aconteceu o 25 de Abril estava lá ainda?

Sim, estava. E estava com a minha mulher, o que é outra história interessante. Eu fiz algumas loucuras ao longo da minha vida, mas esta foi uma das grandes.